

DOI: 10.20396/cel.v61i0.8655043



ETHOS DISCURSIVO E CENOGRAFIAS NO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE DAS CARTAS ABERTAS DE LULA NO PERÍODO PRÉ-ELEITORAL EM 2002 E 2018

JÚLIA ALMEIDA¹ANNELISE CARVALHO SOUTTO MAYOR DE CAMPOS²

RESUMO: O presente artigo procura observar a construção de cenografias e *ethos* discursivo em duas cartas abertas de autoria do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, publicadas em 2002 e 2018, ambas com finalidade eleitoral em contextos de candidatura à Presidência do Brasil. Por meio de conceitos de Dominique Maingueneau, tais como cenas da enunciação, cenografia e *ethos* discursivo, as cartas foram analisadas, comparando-se os recursos utilizadas na construção de imagens públicas do político Lula, de seus interlocutores e de seus adversários, assim como na representação de temporalidades da vida política nacional. Observam-se diferenças importantes nas estratégias utilizadas, sobretudo quanto ao *ethos* e ao público visados, já que as cartas atendem a interesses e funções distintas em cada contexto, tendo o gênero um lugar consolidado na vida política contemporânea.

Palavras-chave: Discurso político, carta aberta, *ethos* discursivo, cenografia.

ABSTRACT: This article aims to observe the construction of scenographies and discursive *ethos* in two open letters authored by the former President Luís Inácio Lula da Silva, published in 2002 and 2018, both with electoral purpose in contexts of candidacy to the Presidency of Brazil. Through the notions of Dominique Maingueneau, as scenes of enunciation, scenography and discursive *ethos*, the letters were analyzed, comparing the resources used in the construction of public images of the politician Lula, his interlocutors and his opponents, as well as in the representation of temporalities of national political life. Important differences are observed in the strategies used, especially in relation to the *ethos* and the target public, since the letters attend different interests and functions in each context, having the genre a consolidated place in contemporary political life.

Keywords: Political discourse, open letter, discursive *ethos*, scenography.

O cenário político brasileiro já passou por momentos de turbulências e mudanças, por democracia e ditaduras, fazendo com que a próprio discurso político encontrasse diferentes formas de alcançar o eleitorado durante as campanhas, indo mesmo além dos gêneros e suportes mais comumente utilizados na política, tais como os *spots* de rádio, *jingles*, carros de som, santinhos, *folders*, bandeiraços, entre outros. O presente artigo busca compreender as estratégias de construção de cenografias e *ethos* discursivo em duas cartas abertas do candidato à Presidência

¹ Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, desenvolvendo pesquisas sobre discurso, racismo, subalternidade e pós-colonialismo. almeidajulia@terra.com.br

² Graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. annelise.souttom@gmail.com

Luiz Inácio Lula da Silva, divulgadas durante campanhas eleitorais em contextos políticos distintos e igualmente marcantes, no Brasil.

A primeira, “Carta aberta ao povo brasileiro”, divulgada em 2002, quando se inicia mais uma campanha de Lula à Presidência, após três derrotas em eleições anteriores: em 1989, quando perdeu no segundo turno para Fernando Collor de Mello; em 1994 e 1998, derrotado no primeiro turno por Fernando Henrique Cardoso, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), cuja representatividade encontrava-se desgastada no fim do segundo mandato, momento em que o PT busca espaço para ampliar seu eleitorado junto a setores mais conservadores.

Na segunda carta aberta, intitulada “Carta ao povo brasileiro”, divulgada em 2018, Lula, agora ex-Presidente, após oito anos de experiência no cargo maior do poder executivo, recém acusado de corrupção, condenado em segunda instância e preso, em um cenário político e jurídico extremamente conturbado, utiliza-se desse gênero discursivo não apenas como parte de sua campanha política, mas como único meio de comunicação com o povo brasileiro.

O cotejo entre as duas cartas e seus contextos pretende evidenciar similitudes e diferenças na construção das cenografias, isto é, encenações discursivas que inscrevem e validam representações do enunciador e do coenunciador, do espaço e do tempo, permitindo a seleção de *ethé* discursivos ou traços (sociais, físicos, psicológicos, ideológicos etc.) a partir dos quais se legitimam ou não imagens públicas do político. A teorização discursiva de Dominique Maingueneau serve de quadro teórico para o trabalho e aqui daremos ênfase à revisão dos conceitos de cenografia e *ethos* discursivo, pois serão eles os alicerces da análise.

1. BREVE RETOMADA DOS CONCEITOS DE CENOGRAFIA E ETHOS DISCURSIVO

Como teórico do discurso, Dominique Maingueneau aprofundou e desdobrou inúmeros conceitos a partir da base teórica da Análise do Discurso francesa. Concebendo esta área como “um espaço de pleno direito dentro das ciências humanas e sociais, um conjunto de abordagens que pretende elaborar os conceitos e os métodos fundados sobre as propriedades empíricas das atividades discursivas” (2006, p. 2), o autor tem oferecido às Humanidades conceitos operatórios para compreender fenômenos discursivos literários, políticos, religiosos, publicitários etc., daí sua permanente articulação com outras áreas de estudos.

O desdobramento teórico que conduz o autor a distinguir diversas cenas da enunciação é parte desse esforço de ampliação conceitual para compreensão do discurso e suas condições de produção, dando visibilidade aos elementos que constituem um “quadro” para o discurso, que abrangem o tipo do discurso ou esfera de atividade social em que se situa (cena englobante), o gênero do discurso (cena genérica) e a cenografia (MAINGUENEAU, 2008b; 2013).

Já em sua tese de doutorado, que resultou no livro *Gênese dos discursos* (2008a), Maingueneau buscou aspectos discursivos relevantes para análise de

posicionamentos conflituosos, no caso desse livro, no campo religioso. Nesse momento, os elementos dêiticos, que dizem respeito a modos de apresentação do tempo, do espaço e dos enunciadores na tessitura do discurso, posteriormente associados à cenografia (espaço-tempo discursivizados) e ao *ethos* (imagem do enunciador encarnada na maneira de dizer) estavam relacionados a diversos recursos, tais como o modo de citar fontes e autoridades (intertextualidade), o modo de usar o código linguístico (léxico, sintaxe etc.), os temas abordados, os modos pictóricos de composição etc. Tratando-se dos discursos humanista e jansenista contrastados no livro, pode-se dizer que esses recursos divergiam entre uma orientação semântica para expansão, no caso do humanismo, e o sema da contração, no caso do jansenismo. Aos poucos, na contínua recriação teórica que faz Maingueneau, as noções de cenografia e de *ethos* discursivo ganham destaque entre os aspectos aptos a restringir semanticamente os discursos e se associam ao manejo do código linguístico e das formas de dizer, que se tornam fundamentais para a análise da cenografia e do *ethos*.

1.1. O conceito de cenografia

A noção de cenografia, de compreensão mais abstrata do que as já referidas cenas englobante (ou tipo de discurso) e genérica (ou gênero discursivo) diz respeito à forma como um texto se “apresenta”, isto é, à encenação singular que a enunciação constrói a partir desse quadro cênico inicial: um texto pode se utilizar das características de um outro gênero (como uma cena de fala “importada”, caso da cenografia exógena) ou apenas, no caso da cenografia endógena, atribuir “um valor particular às variáveis de qualquer situação de enunciação: quem fala? a quem? onde? quando?” (MANGUENEAU, 2015, p. 125); em ambas, os valores atribuídos ao enunciador, ao coenunciador, ao espaço (topografia) e ao tempo (cronografia) validam a enunciação e a própria cenografia construída. Esta por vezes se apoia no que o autor chama de cena validada, estereótipos bem sedimentados na memória coletiva social, muitas vezes reforçados pelos discursos no espaço público.

A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário [...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. [...] A cenografia implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal [...] a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra (MAINGUENEAU, 2013, p. 98)

Há gêneros que possuem rotinas engessadas, não permitindo uma diversidade de cenografias, mas há também gêneros que são abertos a uma variedade de cenografias, como é o caso dos discursos publicitários, políticos, de entretenimento, em que não há uma cenografia preferencial e, para captar o imaginário dos coenunciadores, devem invocar cenas de fala reconhecidas e valorizadas (MAINGUENEAU, 2013).

Em *Cenas da Enunciação* (2008b), Maingueneau desenvolve uma análise bem conhecida sobre carta dirigida por François Mitterrand aos cidadãos franceses, em que a cena englobante política (tipo de discurso) desvia-se das cenas genéricas

(gêneros discursivos) mais típicas das campanhas eleitorais e se instala em uma carta aos cidadãos franceses, cujo espaço-tempo construído discursivamente (cenografia) converge para uma mesa de jantar em família, em que o pai, na intimidade do lar, aconselha e orienta os familiares. Através dessa cena de refeição familiar (estereotipada, validada), associa-se um *ethos* discursivo de figura paterna a seu enunciador, com traços físicos e psicológicos que buscam a identificação do leitor com o político signatário da carta e seu programa de governo. Maingueneau, assim, amplia o escopo inicial do *ethos* retórico para aos discursos escritos e não apenas aos orais.

1.2. Desdobramentos da noção de *ethos* discursivo

A noção de *ethos* discursivo realça, assim, e íntima relação entre formas de dizer e a construção da identidade, isto é, tendemos a associar traços e valores físicos, psicológicos e ideológicos a determinadas estratégias de fala. Para realçar o aspecto discursivo na constituição do *ethos*, Maingueneau evidenciou a distinção entre o *ethos* mostrado, por exemplo, através do tom e das escolhas linguísticas, e o *ethos* dito, isto é, “fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito) – diretamente (‘é um amigo que vos fala’) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo.” (MAINGUENEUAU, 2008c, p.18).

No retorno crítico que faz Maingueneau (2016) à noção de *ethos* discursivo para a análise, sobretudo da produção discursiva da internet, em que verbal e icônico se enlaçam fortemente, o autor distingue três dimensões de predicados na composição do *ethos*: a dimensão categórica, que se refere a papéis discursivos ou sociais do enunciador (contador de histórias, brasileiro); a dimensão experiencial, que se refere às características sociais e psicológicas estereotipadas da enunciação que se aplicam ao enunciador e que seriam objeto de possível incorporação pelo destinatário (leveza, dureza de um povo); e a dimensão ideológica, dos posicionamentos em um campo de forças (esquerda, conservador). Também aqui há possibilidades de convergência, divergência ou apagamento do *ethos* mostrado – o que o locutor mostra em sua maneira de dizer – e o *ethos* dito – o que o locutor diz sobre si mesmo – nos modos semióticos verbal e pictórico, devendo a análise figurar sobre essas relações intersemióticas e discursivas. Mas como, segundo Maingueneau, “*ethos* visado não é necessariamente *ethos* produzido” (2008b, p. 61), essa imagem de si construída pode ter eficácia ou não no processo discursivo, inclusive a possibilidade de divergência entre o que se mostra e se diz pode ser um fator para a não identificação pelo coenunciador com a imagem que visa o enunciador.

2. ANÁLISES E COTEJO

A partir da sistematização das categorias acima apresentadas, fez-se o tratamento do *corpus*, constituído por duas cartas abertas do político Luís

Inácio Lula da Silva, decupadas em função das marcas relacionadas ao *ethos* e à cenografia. Foram selecionados excertos para análise, que se deu por viés comparativo, destacando-se estratégias de construção das imagens do enunciador (*ethos*), do coenunciador, e determinações espaço-temporais que caracterizarão uma representação de país em cada momento histórico representado.

Antes de iniciar a análise, devemos lembrar que a carta aberta tem características distintas da carta pessoal, por exceder a esfera privada (de indivíduo para indivíduo) e ter seu lugar associado à esfera e aos debates públicos. Utilizada para tratar de assuntos de interesse coletivo, que mereçam esclarecimentos, posicionamentos, protestos, a carta aberta é predominantemente argumentativa, pois objetiva a adesão dos leitores ao ponto de vista defendido. Composto-se comumente por título, introdução, desenvolvimento, conclusão, data e assinatura, é um gênero produzido nas condições da modalidade escrita da língua, circulando em geral em meios impressos e eletrônicos.

Carta aberta 1: a cena democrática

Veiculada em junho de 2002, quando se iniciaram de forma mais intensa as propagandas políticas para as eleições que ocorreriam em outubro, a carta aberta intitulada “Carta ao povo brasileiro” foi a primeira utilizada por Luiz Inácio Lula da Silva em uma campanha eleitoral. Com o cenário político desfavorável ao PSDB, o Partido dos Trabalhadores lança pela quarta vez Luís Inácio Lula da Silva como candidato à Presidência, com uma nova estratégia de campanha e novas alianças, de modo a constituir uma frente de oposição ao PSDB.

Objetivando a adesão de indecisos e de outros eleitores reticentes, a campanha de Lula pretende com essa “Carta aberta ao povo brasileiro” alavancar sua aceitabilidade. A carta aborda, enfaticamente e com linguagem clara, questões econômicas e suas consequências sociais, já que a crise cambial com a desvalorização do real naquele momento era a maior preocupação do país.

Lula inicia o discurso pela construção de um tempo presente de balanço e decepção, que se opõe ao tempo de esperanças e promessas do governo do PSDB, através das escolhas lexicais, verbos e marcas temporais que legitimam uma representação do momento histórico (cronografia) como da estagnação, da frustração, da indignação. Desde os primeiros parágrafos até as últimas linhas irá reforçá-la:

Se em algum momento, ao longo dos anos 90, o atual modelo conseguiu despertar **esperanças de progresso** econômico e social, **hoje a decepção** com os seus resultados é enorme. **Oito anos depois**, o povo brasileiro **faz o balanço** e **verifica** que as promessas fundamentais foram descumpridas e as esperanças frustradas. [...]

Nosso povo **constata** com pesar e indignação que a economia não cresceu e está muito mais vulnerável [...]

[...] O governo **não trabalhou** como podia para aumentar a competitividade da economia. (LULA, 2002, grifos nossos)

Também a representação do espaço nacional (topografia) é marcada por frases como “o sentimento predominante em **todas as classes** e em **todas as regiões** é o de que o atual modelo esgotou-se” (LULA, 2002, grifos nossos), que caracterizam um Brasil de descontentamento geral, mas também de possibilidades de transformação nas relações políticas, em que

Lideranças populares, intelectuais, artistas e religiosos dos mais variados matizes ideológicos declaram espontaneamente seu apoio a um projeto de mudança do Brasil. Prefeitos e parlamentares de partidos não coligados com o PT anunciam seu apoio. Parcelas significativas do empresariado vêm somar-se ao nosso projeto. (LULA, 2002)

Assim, o coenunciador é também convidado a se identificar com esse sujeito descontente evidenciado, de modo a se somar a essa imagem de um povo unido, apesar de heterogêneo. Mostrando sua preocupação com todos os grupos sociais, desde os empresários e investidores até as das classes menos favorecidas, Lula afirma que o “o PT está disposto a dialogar com todos os segmentos da sociedade e com o próprio governo, de modo a evitar que a crise se agrave e traga mais aflição ao povo brasileiro” (LULA, 2002). A carta busca trazer os segmentos mais resistentes ao seu discurso, através dessa promessa de diálogo e de comprometimento com a solução dos problemas de todos.

Assim, como contraponto à cenografia de estagnação, postulada no início como representativa do aqui-agora, a carta coloca seu autor e seu partido como vetores da mudança, os que conhecem a solução necessária e que terão competência para comandar o país para o “mar aberto” do desenvolvimento, metáfora que qualifica positivamente o futuro do país e garante ao governo postulante o lugar de comando dessa necessária travessia:

O que nos move é a certeza de que o Brasil é bem maior que todas as crises. O país não suporta mais conviver com a ideia de uma terceira década perdidas. O Brasil precisa navegar **no mar aberto** do desenvolvimento econômico e social. É com essa convicção que chamo todos os que querem o bem do Brasil a se unirem em torno de um programa de **mudanças corajosas e responsáveis** (LULA, 2002, grifos nossos).

Por fim, resta ao signatário da carta firmar o *ethos* de político brasileiro (dimensão categórica ou papel social) a quem devem ser associados os traços de responsabilidade, comprometimento, coragem e competência (dimensão experiencial, associada às características sociais e psicológicas), disponíveis para incorporação pelo destinatário reticente, de modo a compensar o posicionamento mais à esquerda do candidato (dimensão ideológica), que era o mote das representações correntes e negativas difundidas pela mídia hegemônica desde outras campanhas.

Lula só menciona uma única vez o nome de seu principal adversário político e Presidente em exercício, sem tom pejorativo, preferindo referir-se a FHC pelas expressões mais genéricas “atual governo”, “atual modelo”, estratégia que favorece a incorporação dessa imagem bem qualificada do candidato principalmente pelo eleitorado tradicionalmente mais à direita, para quem FHC é figura pública respeitada, apesar da crescente rejeição a seu governo naquele momento.

Estamos, nesta carta, na ambiência democrática do discurso político, que se faz por palavras, argumentos e propostas, sempre em face de adversários que representam grupos sociais em conflito. De certa forma, a estratégia bem-sucedida adotada, de neutralizar a polarização ideológica pela construção de um *ethos* de responsabilidade no terreno econômico, aquele que as elites têm como prioritário, atinge seu objetivo e garante uma grande repercussão à carta, que de alguma maneira contribuiu para a vitória de Lula nas eleições sobre o candidato que concorria pelo PSDB, José Serra.

Carta aberta 2: democracia em risco

Em 08 de junho de 2018, Lula publica a primeira de uma sucessão de cartas divulgadas a partir de sua prisão em 07 de abril de 2018. Lula agora já é muito conhecido pelo brasileiro, após dois mandatos e a eleição de Dilma Rousseff para mais dois mandatos, tendo o PT consolidado um eleitorado capaz de reelegê-lo para mais um mandato, segundo as pesquisas daquele momento. Mas sua condição de condenado e preso por corrupção, ainda que a legalidade da prisão em segunda instância seja objeto de debate constitucional inconcluso, deixa indefinido o cenário das eleições presidenciais e o eleitorado do PT, sem certeza da viabilidade de sua candidatura. Também o polêmico *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff contribuiu para um cenário conturbado na política brasileira, fazendo das eleições de 2018 um decisivo momento histórico.

É nesse cenário que Lula, proibido judicialmente de dar entrevistas e gravar vídeos, recorre às cartas abertas, publicadas e divulgadas por seus apoiadores em atos por sua liberdade e por seu direito de concorrer às eleições. Nesta carta, do início de uma campanha incerta, é o *ethos* de injustiçado e indignado pela privação de seus direitos o mote inicial do discurso:

Há dois meses estou preso, **injustamente**, sem ter cometido crime nenhum. Há dois meses estou **impedido** de percorrer o País que amo.

[...]

Não cultivo ódio ou rancor, mas duvido que **meus algozes** possam dormir com a consciência tranquila.

Contra todas as **injustiças**, tenho o direito constitucional de recorrer em liberdade, **mas esse direito me tem sido negado**, até agora, **pelo único motivo de que me chamo Luiz Inácio Lula da Silva**.

Por isso me considero um **preso político** em meu país. (LULA, 2018, grifos nossos)

Configurar-se no papel social de preso político (dimensão categórica) e externar os traços de grande e injusto sofrimento físico e psicológico (dimensão experiencial) é o que se pretende firmar junto a apoiadores, eleitorado e, especialmente, a classe trabalhadora, agora transformada em alvo de seus adversários políticos que, assim evidenciada, posiciona mais à esquerda (dimensão ideológica) seu enunciador: “não posso me conformar com o sofrimento dos mais pobres e o castigo que está se abatendo sobre a nossa classe trabalhadora, assim como não me conformo com minha situação” (LULA, 2018). Também o

sofrimento de viver a separação de seus familiares se transfere à condição política de estar separado do povo brasileiro, sua “grande família”:

Fui privado de conviver diariamente com meus filhos e minha filha, meus netos e netas, minha bisneta, meus amigos e companheiros. Mas não tenho dúvida de que me puseram aqui para me impedir de conviver com **minha grande família: o povo brasileiro**. Isso é o que mais me angustia [...] (LULA, 2018, grifos nossos)

Constitui-se, assim, uma cenografia, uma representação do espaço-tempo presente como de distância e privação de laços entre o político e o povo, em um momento de sofrimento e injustiças que contrasta com um passado “feliz” em que Lula e o povo brasileiro, “juntos”, superaram momentos grandes dificuldades:

Juntos, soubemos superar momentos difíceis, graves crises econômicas, políticas e sociais. **Juntos, no meu governo**, vencemos a fome, o desemprego, a recessão, as enormes pressões do capital internacional e de seus representantes. **Juntos**, reduzimos a secular doença da desigualdade social que marcou a formação do Brasil [...] (LULA, 2018, grifos nossos)

Nesse excerto, o resgate de feitos econômicos e sociais associados a seus governos passados é a justificativa para que Lula se apresente novamente como candidato de uma proposta única, a reconstrução da democracia e dos direitos ameaçados nesse tempo de injustiças:

Sonho ser o presidente de um País em que o julgador preste mais atenção à Constituição e menos às manchetes dos jornais.

Em que o estado de direito seja a regra, sem medidas de exceção.

Sonho com um país em que a democracia prevaleça sobre o arbítrio, o monopólio da mídia, o preconceito e a discriminação.

Sonho ser o **presidente** de um País em que todos tenham direitos e ninguém tenha privilégios. [...]

Nós sabemos qual é o caminho para concretizar esses sonhos. (LULA, 2018, grifos nossos)

Colocando-se como aquele que sabe conduzir o país a esse futuro sonhado de democracia garantida, encaminha-se para a finalização da carta, fazendo convergir para a expressão “Brasil feliz” a cenografia de prosperidade de onde ergue sua candidatura:

Foi um tempo de **paz e prosperidade**, como nunca antes tivemos na história. Acredito, do fundo do coração, que **o Brasil pode voltar a ser feliz**. E pode avançar muito mais do que conquistamos juntos, **quando o governo era do povo**. (LULA, 2018, grifos nossos).

Destaca, ao finalizar, seu *ethos* de compromisso e comprometimento, afirmando que, mesmo preso, continua trabalhando em prol dos brasileiros, preparando-se para o “reencontro” com o povo. Mostra-se, assim, confiante, apesar do cenário político incerto para sua candidatura; é a confiança o traço salientado em uma das últimas frases da carta, já em tom de despedida: “e esse reencontro só não ocorrerá se a vida me faltar” (LULA, 2018).

Apesar da escolha do mesmo gênero, comparando-se as duas cartas abertas, notam-se diferenças significativas entre elas, já que os objetivos e a situação política as distinguem consideravelmente.

A destinação e a representação de leitor em ambas alteram-se de forma notável: no primeiro caso, as classes mais ricas e o segmento empresarial do Brasil parecem ser o leitor potencial, pois era tal grupo social que ainda possuía dúvidas e inseguranças quanto ao projeto de Lula. Já na segunda carta, Lula fala a seus eleitores, tendo a carta o peso de ser a única forma de comunicação e uma peça fundamental para afirmar sua confiança na candidatura. Cumpram funções sociais diferentes, falam a públicos diferentes em contextos políticos distintos.

As cenografias que se depreendem, sobretudo pelas escolhas lexicais e figuras retóricas, remetem a descontinuidades espaço-temporais que a fala política evidencia para melhor se inserir: na primeira carta, seria necessária uma mudança entre um espaço-tempo de estagnação e um ciclo de desenvolvimento, do qual o candidato habilita-se a ser o condutor; na segunda, a ruptura entre um passado de aprovação política e um presente de separação e sofrimento justifica sua candidatura para que se possa “sonhar” e “ser feliz” de novo.

Apesar dos momentos distintos e do público também distinto, Lula se apresenta sempre como alguém que encarna a vontade popular e é capaz de enfrentar e solucionar os problemas. Mas enquanto esse *ethos* de homem do povo, representante da classe trabalhadora e de esquerda, tem ampla representação na segunda carta, apto a traduzir os anseios dos grupos populares do país, na primeira, falando às classes privilegiadas, é evidenciado o *ethos* de comprometimento e responsabilidade com as pautas da economia. Entre uma e outra, três mandatos do PT conclusos e um impedido, uma mudança na cena política e democrática no país, em que o discurso e as práticas jurídicas passam a ter hegemonia sobre todos os setores da vida pública, capturando os conflitos sociais para dentro do ordenamento jurídico e criminalizando, conforme interesses inconfessos, determinados sujeitos e posicionamentos políticos.

A cena de garantias políticas reduzidas, em 2018, após um *impeachment* e uma prisão em segunda instância, ambos questionados por boa parte da comunidade jurídica brasileira, transformou adversários respeitáveis, de 2002, em algozes e inimigos. Como afirma Ruth Amossy (2017) a partir de Chatall Mouffe, o dissenso é indispensável à vida social, existindo sempre um “eles” contra um “nós”. E esse pluralismo agonístico, que é característico da democracia, existe em função do reconhecimento e da legitimação do conflito e da recusa por uma ordem autoritária e pela repressão. O inimigo, o diferente em conflito, precisa ser aceito como adversário legítimo, contra cujas posições é preciso lutar com o uso da fala. Eis o que parece ter se deteriorado na cena democrática brasileira, em que, ao contrário de Lula que vê seus inimigos como adversários políticos e se põe a falar, argumentar, mesmo na condição prisional e com sua voz controlada e silenciada, seus agora “algozes” agem para calar, aniquilar, destruir, censurar, silenciamento determinado por inúmeras decisões judiciais.

CONCLUSÃO

A partir da análise comparativa das cartas abertas, pode-se dizer que fatores como o momento histórico, a situação política, o público-alvo e os objetivos podem definir diferenças importantes na construção de cenografias e *ethé* no discurso de um mesmo político. O gênero carta aberta, comum nas democracias contemporâneas, busca maior aproximação do político com o eleitorado por permitir que o enunciador se dirija diretamente ao leitor, inscrevendo-o em cenografias e papéis sociais que lhe são estratégicos.

Apesar das particularidades históricas e políticas de cada momento, os recursos linguísticos utilizados (sobretudo escolhas lexicais e figuras retóricas) permearam a construção de cenografias de crise em ambas as cartas – na primeira, crise econômica, na segunda, crise política – e de estratégias de desqualificação dos governos em exercício, permitindo a Lula mobilizar o *ethos* ora de político responsável e capaz de intervir na economia ora de homem do povo e injustiçado a projetar-se como líder capaz fazer a diferença em ambos os cenários políticos.

Como arquivo de suas épocas, essas duas cartas documentam momentos importantes da democracia brasileira, sobretudo a segunda, em que o gênero passa a ser a única forma de comunicação de Lula com a população brasileira, o que por si só depõe sobre o processo autoritário que se instalou sobre nossa democracia. Mensagens em garrafas lançadas ao mar, essas cartas dirão muito no futuro sobre este presente incômodo, em que as narrativas hegemônicas sobre o país pretendem calar as vozes dissonantes na política brasileira, conduzindo-as ao silêncio, pela prisão, pela morte ou pelo exílio.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o *ethos*. In: BARONAS, ROBERTO Leiser; MESTI, Paula Camila; CARREON, Renata de Oliveira (Orgs.). *Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas: Pontes, 2016. p. 13-33.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo, Parábola, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*: São Paulo: Parábola, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008c. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 4, n. 6, p. 01-06, mar. 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

SILVA, Renata. Linguagem e Ideologia: embates teóricos. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009.

Recebido: 3/04/2019
Aceito: 1/07/2019
Publicado: 10/07/2019